

PAUL SINGER

UNIVERSIDADE: QUAL CRISE?

A universidade entra hoje na casa do cidadão comum através da guerra publicitária dos cursinhos pré-universitários. Nada melhor para demonstrar que a ex-sacrossanta instituição se tornou produto de massa. Por ocasião dos vestibulares, em plenas férias de verão e recesso político, o gabarito das provas e a lista dos aprovados são pratos cheios para uma imprensa faminta de notícias. Que diferença em relação aos tempos em que o ensino superior era assunto exclusivo da intimidade das famílias de elite!

É o que chamam de "massificação" da universidade, fenômeno que desperta nos amantes da democracia e do progresso sentimentos ambíguos. Massificação quer dizer povo na universidade — isso é bom. Mas acarreta a desvalorização do diploma pela excessiva multiplicação do número de portadores — isso é mau. E conspurca os templos do saber com alunos que só sabem resolver testes e professores horistas — o que é péssimo. Na universidade de hoje perdeu-se o estilo, e a produção intelectual parece ter inchado e ficado mais tosca.

Esta é a crise universitária, vista por dentro, do ângulo dos professores, que sentem asco da aparência mal cuidada dos alunos e dos jovens colegas. E vêm com maus olhos o agigantamento das classes, dos departamentos e da máquina burocrática. Há muito de saudosismo nesta crise de idealização de uma universidade do passado. Olvidam que também nos "bons tempos" a universidade estava dividida em panelinhas e era dominada por catedráticos, a maioria pom-

posos e medíocres. Olvidam sobretudo que naqueles "bons tempos" a universidade era insignificante ou quase, limitada ao fornecimento de canudos aos senhores da alta sociedade e à produção de idéias e modismos para círculos fechadíssimos.

Com a massificação, a universidade ganhou importância para uma parte significativa da sociedade, que a escrutina e devassa. Hoje exige-se mais da universidade. Os alunos querem um ensino objetivo e útil. O Governo e as empresas querem resultados de pesquisas que sejam operacionais e relevantes. A Igreja quer que a universidade se volte para o pequeno e o pobre. O movimento operário quer que a universidade produza análises críticas e alternativas praticáveis. Esta é a crise universitária vista de fora, do ângulo dos que batem a suas portas e dos que pagam suas contas. E a crise da incapacidade de responder a tantas demandas que explodem subitamente na cara de quem estava acostumado a uma rotina sonolenta.

A universidade brasileira hoje esbanja vitalidade. Há os que só vêem a irritação dos professores, que se sentem mal pagos e explorados, e dos alunos, que se sentem alienados e desprezados. Convém, no entanto, enxergar também a vasta penetração dos universitários — professores e alunos — na vida política e econômica do país. A universidade ganhou enfim um vasto público interno e externo, que pode ser malcheiroso e mal educado, inconveniente e até agressivo. Mas isso é muito melhor do que ficar falando sozinho.